

DÍVIDA  
EXTERNA

# Não paguem a dívida agora. Conselho de Galbraith.

27 NOV 1986

O economista John Kenneth Galbraith reafirmou ontem sua tese de que o Brasil deveria apelar para uma "moratória temporária", deixando de pagar a dívida ou pelo menos os seus juros, "para superar os meses críticos do Plano Cruzado". Em sua opinião, o sucesso das medidas econômicas adotadas pelo Brasil "tem importância crítica no cenário mundial, para países credores e endividados". Ele acrescentou que se o governo brasileiro vier a adotar uma posição unilateral na negociação da dívida externa, suspendendo temporariamente o pagamento dos juros, dificilmente sofreria retaliações por parte dos países desenvolvidos.

Galbraith esteve ontem em Brasília, onde almoçou com cinco ministros do Planejamento, João Sayad, e conversou também com o presidente Sarney e o ministro Dilson Funaro, antes de retornar a São Paulo, onde se encontra hoje com o reitor da USP, José Goldemberg. O economista está no Brasil a convite da revista **Exame** e da Rhodia.

Ele disse não acreditar em retaliações sérias dos credores, se o Brasil optar pela moratória: "Claro que os bancos internacionais poderiam reagir com palavras críticas e duras, mas palavras não são tão perigosas assim".

Para Galbraith, a moratória temporária traria vantagem a todos, "os países credores aumentariam suas exportações para os devedores, criando mais empregos, em vez de ver todo dinheiro ser repassado para os bancos, enquanto os devedores continuariam seu processo de desenvolvimento". Ele insistiu que não está pregando o calote, apenas o adiamento do pagamento da dívida, "levando em conta que se o Plano Cruzado falhar, os credores não receberão seu dinheiro".

O economista norte-americano, de 78 anos, esclareceu que não veio ao Brasil, "como um ianque do Norte para aconselhar o governo brasileiro, mas apenas como um observador interessado e simpático ao Plano Cruzado". Disse ainda que um grupo de economistas brasileiros é que deveria ir aos

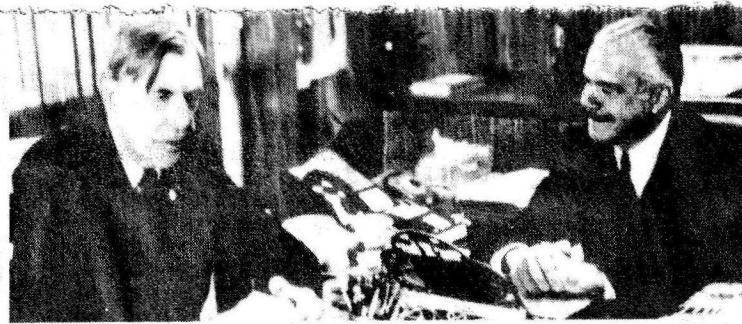
Estados Unidos, "para aconselhar o presidente Reagan a mudar sua política econômica equivocada".

Sobre a possibilidade dos credores concordarem com a capitalização dos juros, Galbraith afirmou que não se pode esperar que os bancos internacionais, "sejam naturalmente simpáticos a esta tese, mas o Brasil tem poder de barganha para fazer com que aceitem esta tese". Ele lembrou palavras de seu guru econômico, o britânico Keynes, "que sempre repetia que se alguém deve mil libras a um banco, está a mercê dele, mas se deve um milhão de libras, é o banqueiro que está a mercê do credor".

Em 1941, Galbraith foi nomeado vice-diretor para Preços do governo norte-americano, tornando-se o czar da economia do país em tempo de guerra, responsável pelo congelamento dos preços. "Lá o congelamento deu certo e eu estava sempre atento ao mercado, revisando os índices sempre que necessário, justamente o que está sendo feito aqui. Por isso, acredito no sucesso do cruzado", disse ele.

John Kenneth Galbraith não vê as recentes mudanças do Plano Cruzado II como simples ajustes de salários. Para ele, "o Brasil tem muitas desigualdades sociais, assim como os Estados Unidos, e está tentando seriamente resolvê-las, através de uma redistribuição de renda real". Galbraith também aprovou a volta das minidesvalorizações do cruzado para favorecer as exportações, esclarecendo apenas que isto já deveria ter sido feito desde que o Plano Cruzado foi lançado no final de fevereiro.

"A flexibilidade não é sinal de fraqueza num plano audacioso desses, mas sim de sabedoria", afirmou. Para ele, o grande mérito dos planos econômicos do Brasil, Argentina, Israel e Peru foi o de "reverter a expectativa de inflação, que aumenta a procura de mercadorias e endurece a luta por aumento de salários por parte dos trabalhadores". Galbraith disse que a fase mais importante está por vir, ou seja, "a economia



precisará encontrar um ponto de equilíbrio depois do congelamento dos preços".

## Restrições ao FMI

Sobre o acordo de Bretton Woods que criou o FMI, Galbraith concordou que ele já está um pouco defasado pelo tempo, dizendo que pessoalmente nunca foi muito adepto do Fundo em relação à imposição de programas de austeridade para os países pobres ou de governos fracos, "que seriam politicamente impossíveis de serem aceitos pelos Estados Unidos ou outros países desenvolvidos".

Mas Galbraith reconheceu que o FMI é fonte de recursos importantes para países necessitados, explicando que as mudanças no Fundo deveriam ser "mais de filosofia do que de estrutura". Sobre o processo de monitoração que o FMI faz da economia brasileira e de outros países, ele explicou não estar bem inteirado do assunto: "Sei apenas que o pessoal do Fundo gosta muito de viajar".

J.K. Galbraith é do partido democrata americano. Perguntado se com um Congresso democrata o Brasil terá maiores problemas de protecionismo no seu comércio com os EUA, o economista reconheceu que alguns setores do seu partido são bastante protecionistas. Ele disse que pessoalmente é contra, embora admita que em certas ocasiões, "deve-se tomar medidas para proteger grupos menos favorecidos". Para Galbraith, "o protecionismo é para países novos e não para países desenvolvidos como os Estados Unidos. Não sou favorável à política econômica de Reagan, mas também não concordo com o protecionismo democrata".

No encerramento de sua entrevista no Hotel Nacional de Brasília, foi perguntado a Galbraith se ele apoia a Lei de Informática do Brasil. Ele olhou no relógio, se desculpou, disse que a meia-hora que prometeu aos jornalistas já se esgotara há bastante tempo, tinha intenso programa, e que uma das minhas características é cumprir à risca meus compromissos".